

NACIONAL

Econ. Brasil

Varejo deve reduzir taxa de juros ao consumidor

Acordo do governo brasileiro com o Fundo Monetário Internacional influencia a queda, que deverá ser gradual e lenta

Christiane Bueno Malta
de São Paulo

As taxas de juros ao consumidor devem cair lenta e gradativamente até o final do ano. Essa é a perspectiva tanto de financeiras quanto de redes varejistas consultadas por este jornal diante dos recentes anúncios de corte na taxa de juros interbancária anual — referência para o comércio varejista — e fechamento do acordo de ajuda financeira entre o governo brasileiro e o Fundo Monetário Internacional (FMI), este último na sexta-feira.

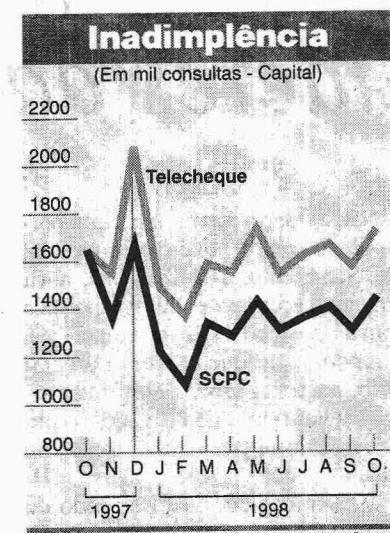
Na quarta-feira o Comitê de Política Monetária (Copom) anunciou o corte na Taxa de Assistência do Banco Central (Tban), de 49,75% para 42,25%. Há ainda a expectativa de que a taxa do overnight neste mês fique em 37% ao ano, uma vez que o governo já efetuou um primeiro corte de 3,25 pontos percentuais na semana passada.

Segundo o vice-presidente da Associação Nacional das Financeiras (Acrefi), Ricardo Malcon, o comércio varejista tem praticado uma taxa média de 6% a 9% ao mês.

O proprietário da financeira Cred/1, Eduardo Wagner, explicou que a perspectiva de queda apenas gradativa das taxas de juros ao consumidor se deve ao fato de que o varejista também leva em conta as taxas de inadimplência e o custo operacional das empresas, ainda altos.

Malcon lembrou que maiores reduções nas taxas de juros também estão atreladas à aprovação das reformas fiscais e previdenciária pelo Congresso — das 12 medidas em discussão, quatro foram aprovadas.

Quanto às formas de pagamento



Fonte: Associação Comercial de São Paulo e Centro de Informações da Gazeta Mercantil.

praticadas pelo varejo, as vendas à vista, que no último ano aumentaram em relação às a prazo em razão das altas taxas de juros para pagamentos parcelados, devem ser menos procuradas à medida que as taxas de juros caiam (ver gráfico).

Nas próximas semanas, contudo, os prazos de pagamento não devem ser alterados, ficando na média atual de 9 a 15 parcelas. "Hoje, o próprio consumidor procura comprar em prazos menores ou à vista", disse Wagner, da financeira Cred/1. "As vendas a prazo só devem ser alongadas e mais procuradas quando a taxa de juros cair de forma mais significativa, o que deve ocorrer apenas no

ano que vem", completou.

Malcon, da Acrefi, mais otimista, acredita que as redes varejistas já anunciem na próxima semana alguma alteração nos prazos e redução em suas taxas de juros, mas não arrisca qualquer projeção.

O diretor comercial das Lojas Cem, Natale Dalla Vecchia, porém, disse que as 76 lojas da rede não devem alterar de imediato suas taxas e prazos "pois a inadimplência ainda é alta". Hoje a taxa mais alta é 6,5% ao mês mais IOF e o prazo máximo, de 12 meses. A inadimplência da rede que ao longo do ano oscilou entre 3% e 5%, está em 4%.

Apesar de considerar a inadimplência alta, Natale Dalla Vecchia acredita que 1998 tenha um Natal melhor do que o do ano passado em vendas. "Os primeiros dias de novembro já vendem mais que outubro e mais que novembro de 1997", disse. A Lojas Cem é especializada em móveis e eletrodomésticos e está presente em todo o estado de São Paulo e Sul de Minas Gerais.

A área comercial da rede Magazine Luiza, especializada em moda feminina, com 92 lojas, está atenta aos movimentos do mercado financeiro, mas também não planeja qualquer alteração em seu crediário por ho-

ra, afirmou o diretor Eldo Moreno. A rede aplica taxas de 4,5% a 6,8% e prazo máximo de 15 vezes. "Gostaríamos de reduzir os juros para alavancar as vendas, mas não definimos a data e nem o percentual." Para Moreno, na melhor das hipóteses as vendas no final do ano ficam iguais às registradas em dezembro do ano passado. O faturamento em 1997 foi de R\$ 495 milhões.

A gaúcha Lojas Renner, predominantemente de itens de vestuário, com 21 lojas entre São Paulo e estados do Sul, também aposta em vendas de final de ano iguais às do ano passado. "O fato de trabalhamos com produtos de baixo valor deverá manter o nível das vendas", explicou o diretor de relações com o mercado, José Carlos Hraby.

Pelo mesmo motivo, ou seja, pelo tipo de mercadoria de baixo valor, que não exige prazo de pagamento maior do que o praticado atualmente — cinco vezes — e sem taxa de juros explícita, a rede não deverá fazer qualquer alteração no crediário até o final do ano, acrescentou Hraby.

A Lojas Brasileiras não planeja no curto prazo alterar suas taxas de juros, de 7% ao mês mais IOF; nem seus prazos, até 18 vezes para os carnês, até 12 vezes para cartão próprio e até 9 vezes para cheque.

Cenários

	Otimista	Moderado	Pessimista
PIB (US\$)	3,360 trilhões	2,330 trilhões	1,170 trilhão
Renda per capita (US\$)	17.000	11.800	5.930
Comércio exterior (US\$)	720 bilhões	400 bilhões	190 bilhões
Pobreza (US\$)	7%	4%	14%
Desemprego (US\$)	6,50%	5%	8%

Fonte: Secretaria de Assuntos Estratégicos.